



C A P Í T U L O 8

AFETE-SE (JÁ)

Ana Paula Ribeiro Dôrea

Caixa de afecções: música, folha, café, pinguim de pelúcia, teia de aranha e TCC.

Fico olhando para essas palavras, objetos, escritas, sentidos, cheiros, modos de ver, de ser e de se fazer existir. Fico também lembrando da sensação, quando fui convidada a encher a minha caixa, da sensação de querer que tudo aquilo que está ao meu redor me afete. Na verdade, já me afetava, me afetou e continuará me afetando, mas no dia a dia, na correria, na pressa, na necessidade do agora, do já, do para ontem, nem percebo o quanto aquilo me compõe. Nem percebo que uma folha da árvore deste estacionamento da escola de enfermagem de Ribeirão Preto, da qual faço parte há seis anos, me faz pensar muito além do que apenas na sua cor ou na sua aparência.

Olhei para cima, e lá estavam centenas de outras folhas, ligadas entre si, entre os galhos, entre os troncos, entre os pássaros, os macaquinhos. Olho para baixo, vejo outras dezenas de folhas se secando, secando a si mesmas. Vejo elas voando para longe daquilo que já pertenceram. Vejo-as longe de sua rede, das suas ligações, daquilo que as oferece vida e cor. Isso me lembra as teias de aranha da minha casa, já que dentre as minhas amigas eu sou a única que consegue enfrentar o aracnídeo, mas não por coragem, mas por alguém me passar essa responsabilidade.

Olhei para aquela teia, sentei no sofá, bem diferente do que eu costumo fazer. Fiquei olhando o entrelaçado, os fios se possuindo ao passo que se fazem ser possuídos. Pensei na resistência enquanto aquela aranha se move, é, nesse movimento constante, dinâmico, bom, no movimento, mas também lembrei do quanto ela se vai quando outro processo precisa ser concretizado, mesmo que

antes fizesse sentido. Lembrei das fraquezas, das lacunas, daquilo que muda e que precisa ser mudado.

Quando penso em mudança, lembrei da minha avó e de mim e da minha família que não a tem mais. Lembrei de mais um mês sem ela. Lembrei disso toda as vezes que enchi a xícara do café que a minha amiga fez para saborearmos enquanto víamos cada aula, lembrei do cheiro que eu sentia com o seu café, lembrei de rir da coragem que ela tinha ao engolir algo tão quente quanto a lava de um vulcão, lembrei dela, lembrei de como me pareço tanto com ela, lembrei de como me fiz a partir dela, com ela. Lembrei da saudade de olhá-la e tê-la. Lembrei também da família, ao passo que fui deixando-me afetar pelo luto, também fui afetada pela força deles.

Me afetei positivamente, mas outras nem tanto. Lembrei do meu irmão, amanhã (hoje) ele irá defender o seu trabalho de conclusão de curso, um trabalho que eu ajudei a construir, isso me faz lembrar das bonecas e bichinhos de pelúcia que eu achei que estava ensinando, sem nem saber que estava aprendendo. Lembrei do pinguim de pelúcia que ganhei de uma amiga no meu exame de qualificação do mestrado, lembrei das amizades, dos laços e de como aquele amiguinho faz muito sentido. Pra mim, ajudar ele com algo tão importante é relembrar da minha escolha em seguir essa trajetória, ver que me faço presente além do que eu amo, além da enfermagem.

Na pesquisa, consegui pertencer ao mundo da biologia e do meu irmão. É lindo. Lembrei que no ensino fundamental escrevi uma carta pra ele, uma das frases dizia que eu apostava todas as minhas fichas nele. Que bom. E que maravilha fazer parte disso. Que maravilha vê-lo se tornando professor também. Eu me afeto em aprender com o outro, em participar da formação do outro e com isso fazer a minha, construir com quem constrói. Eu me apaixono, me enlouqueço. Sinto falta de coisas que ainda nem vivi como professora, como enfermeira, como pessoa, como mulher, como amiga, como família.

E com tudo isso, me lembro da música de uma das minhas bandas favoritas, Lagum, “Eterno agora” – *mas não me sinto só, vejo sentido em tudo [...] eu quero mais da vida [...] andei olhando pra trás e tropecei no futuro*. Olho pra essa música, escuto-a lembrando que, agora, consigo pensar em entender melhor para onde estou indo, a partir daquilo que um dia fez sentido lá trás. Que não seja estático, que o desejo pelo novo seja maior que o medo do desconhecido. Que ele se faça presente. Que ele transforme. Que ele guie. Que ele quebre e construa. Que seja tudo aquilo que precisar ser. E que quando não precisar mais, que seja tudo aquilo para o que precisar nascer.

vivendo esperando

tendo pertencendo
amando chorando
sendo fazendo.
olhando pra dentro
ao passo que dentro estou
fazendo seguir
mesmo que o seguir se negue
lembrando do passado
vivendo o hoje
e esperando o depois.
Me fazendo no todo
com todo
para o todo
pelo todo.